

## livros resenha

OS DEMÔNIOS DE HENRY.

Patrick Cockburn e Henry  
Cockburn. Zahar, 2011.  
208 págs., R\$ 39,90



# Uma história a ser contada

PAI E FILHO RELATAM, DE DOIS PONTOS DE VISTA, COMO A ESQUIZOFRENIA – PSICOPATOLOGIA QUE ATINGE UMA EM CEM PESSOAS – AFETA A VIDA DE UM JOVEM E DE SUA FAMÍLIA

//por **Rodrigo Affonseca Bressan**

**O**s *demônios de Henry* é, em princípio, uma história comum. Em capítulos alternados um jovem com diagnóstico de esquizofrenia e seu pai, Patrick Cockburn, relatam como a esquizofrenia afetou a eles e as pessoas com quem conviviam. Henry era um rapaz como outro qualquer, vindo de uma família com vários membros bem-adaptados, alguns ocupando papéis de destaque até, mas também com algum indício de doença mental. O garoto segue uma trajetória aparentemente típica, até ser admitido na Universidade de Brighton. Nessa época, ele começa a apresentar os sintomas característicos das psicoses: passou a ouvir árvores falando com ele e a colecionar lixo e objetos sem utilidade. Além de adotar um comportamento excêntrico, deixou de manter cuidados mínimos com a aparência.

As pessoas que conviviam com ele, entretanto, só tiveram a percepção clara de que algo realmente anormal estava acontecendo após Henry jogar-se de roupas em um lago gelado, uma atitude que quase lhe custou a vida. No seu primeiro episódio psicótico, o rapaz fez a pergunta que psiquiatras tantas vezes ouvem: “Estou ficando louco?”. A partir daí, a narrativa ora feita por Henry, ora por seu pai e, em alguns momentos, por sua mãe, Jan, vai revelando ao leitor uma história de melhoras e surtos, de internações e altas, permeada pelo sofrimento, mas também pela aceitação.

Casos como o de Henry, de seu pai e de sua família não são raros. De fato, os transtornos mentais em jovens são comuns e doenças como a esquizofrenia acometem cerca de 1% da população. Pesquisas indicam que aproximadamente 75% dos transtornos mentais se iniciam antes dos

25 anos e que a taxa de suicídio entre pacientes com idade entre 15 e 24 anos excede a de qualquer outro grupo etário. Mais preocupantes ainda são os dados de países desenvolvidos como a Grã-Bretanha e a Austrália: eles indicam que mais de três quartos dos jovens que sofrem de transtornos mentais não recebem nenhum tipo de assistência.

Patrick Cockburn se dá conta, em determinado momento, que a esquizofrenia pode afetar qualquer pessoa e qualquer família. Apesar disso e mesmo sendo um jornalista já destacado e bastante informado sobre os mais diversos assuntos, o seu conhecimento a respeito da esquizofrenia e das doenças mentais em geral era praticamente inexistente. Ele não sabia, por exemplo, que o uso frequente de maconha que Henry tinha feito a partir dos 14 anos poderia contribuir para o desencadeamento de um possível quadro psicótico e considerava a utilização da substância que seu filho fazia como algo inócuo. Da mesma forma, Patrick relata como descobriu que vários dos seus amigos e conhecidos já tinham tido contato com doenças mentais graves, muitos deles em pessoas da família, mas que o tema nunca havia sido comentado, revelando que esquizofrenia é um assunto do qual as pessoas não costumam falar.

O desconhecimento de fatos básicos sobre doenças mentais de maneira geral – e sobre a esquizofrenia em particular –, mesmo para camadas relativamente esclarecidas da população, faz com que o contato que muitos indivíduos tenham com a doença seja mínimo. Ao ver um sem-teto falando sozinho ou um alguém correndo sem parar pela rua com roupas estranhas, muitos reforçam a ideia de que a doença mental é algo que “só acontece com os outros”.



Nesse contexto, o estigma segue sendo uma questão central, atrasando a procura por recursos terapêuticos que poderiam ser extremamente úteis para diminuir o tempo que o paciente permanece em psicose, reduzindo as consequências do episódio e, possivelmente, melhorando a evolução do quadro a longo prazo.

Portanto, a alta incidência da patologia, o desconhecimento e a perpetuação do estigma, combinados, formam um caldo de cultura desfavorável para a busca de tratamento, apoio e esclarecimento. Reside neste fato o objetivo de Henry e Patrick ao escreverem seu livro. Não falar sobre a doença mental mantém a desinformação e, conseqüentemente, o preconceito relacionado à esquizofrenia – o que contribui significativamente para o atraso na busca por tratamento, para a discriminação e para a reabilitação.

Nesse sentido, *Os demônios de Henry* tem um papel que ultrapassa a questão literária – é uma obra educativa. Trata-se, afinal, de uma apresentação realista sobre temas muitas

**A narrativa, em alguns momentos feita também pela mãe do paciente, revela melhoras e surtos, internações e altas, permeados pelo sofrimento e pela gradual aceitação da doença**

vezes assustadores, como alucinações, suicídio, hospitalizações psiquiátricas, psicoses, medicamentos psicotrópicos. O relato em primeira pessoa de Henry e Patrick é interessante não por falar de um tema raro ou extraordinário. É importante justamente por tratar do comum, de algo que afeta grande parte da população e com que, invariavelmente, temos – ou teremos – contato em algum momento da vida. Mais ainda se formos profissionais da saúde. *Os demônios de*

*Henry* é um livro autêntico que merece ser lido pelos que passam por situação semelhante, pelos profissionais da área da saúde – ou pelos que têm a intenção de sê-lo – e por todos os que se interessam por saber um pouco mais sobre essa doença.

**RODRIGO AFFONSECA BRESSAN** é professor-adjunto do Departamento de Psiquiatria da Unifesp, Ph.D. pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade de Londres. É coautor do livro *Entre a razão e a ilusão* (Editora Segmento Farma).